



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Peña Ghisleni, Angela; Crespo Merlo, Álvaro Roberto
Trabalhador Contemporâneo e Patologias por Hipersolicitação
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 171-176
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818204>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Trabalhador Contemporâneo e Patologias por Hipersolicitação

Angela Peña Ghisleni¹

Centro Universitário Metodista IPA

Álvaro Roberto Crespo Merlo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER)- também conhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) - tornaram-se visíveis a partir da entrada da reestruturação produtiva- são vivenciadas por trabalhadores e expressas advindos da relação do trabalhador com o trabalho. Buscamos neste artigo a compreensão de como as LER/DORT se desenvolvem no corpo do trabalhador contemporâneo com base em sua história de trabalho, pensando esta síndrome como uma expressão da subjetivação entre o trabalhador e o trabalho. Esta pesquisa apresenta como proposta associar conhecimentos da área biomédica e da psicologia social, configurando uma abordagem interdisciplinar na busca de uma linguagem de interface entre profissionais da saúde e o trabalhador.

Palavras-chave: Lesões por esforços repetitivos (LER); distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT); subjetivação.

Contemporary Worker and Work-related Musculoskeletal Diseases

Abstract

Cumulative Trauma Disorders (CTD)- which are also known as Work-Related Musculoskeletal Disorders (WRMD) - since an economic system rose based on production restructuring- are faced by workers and express suffering between workers and work. We look into how CTD/WRMD develop in contemporary workers' body, taking into account and viewing such syndromes as the subjectivation of the relation between workers and work. We favor an interdisciplinary approach, associating biomedical knowledge and the social psychology, in search for an interface language among the professionals and the worker.

Keywords: Cumulative trauma disorders (CTD); work related musculoskeletal disorders (WRMD); contemporary worker.

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER), também conhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), ou ainda, como Patologias por Hipersolicitação, tornaram-se uma epidemia a partir da entrada nos processos produtivos do modelo de acumulação flexível, da reestruturação produtiva e da terceirização e são ainda alvo de muitos questionamentos. São afecções ocupacionais que expressam um dos sofrimentos advindos da relação do trabalhador com o trabalho e que já podem ser consideradas uma epidemia de saúde pública. As LER/DORT abrangem quadros clínicos do sistema músculo-esquelético adquiridos pelo trabalhador submetido a determinadas condições de trabalho e não há uma causa única para sua ocorrência. São fatores predisponentes a repetitividade de movimentos, a manutenção de posturas inadequadas por tempo prolongado, o esforço físico, a invariabilidade de tarefas, a monotonia, a ausência de variedade, a falta de reposo, a

Mas que dizer quando ocorre o contrário? Quando o trabalhador tem uma musculatura mais desenvolvida que seu organismo? Existe uma síndrome? Pode-se ainda pensar que a síndrome é resultado de problemas psicológicos, familiares, psicosociais, ambientais ou genéticos? E quando os trabalhadores têm uma história familiar e pessoal equilibrada, sem nenhuma diferença, levando uns a desenvolver a síndrome e outros não?

É com base nestas questões que o artigo procura responder. Visualizando o trabalhador como um organismo integral e não dicotomizado, propõe-se que os fatores que podem desenvolver-se as LER/DORT no trabalhador contemporâneo a partirem de suas características, pensando essa síndrome como um organismo integral.

abordar questões que porventura não estivessem previstas. Foram também realizadas avaliações físicas, objetivando uma maior apropriação do quadro clínico dos trabalhadores, de modo a possibilitar traçar um perfil clínico de suas LER/DORT. A execução dessa pesquisa foi previamente autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA.

O objetivo da pesquisa foi investigar como se desenvolvem as LER/DORT no corpo desse trabalhador, a partir de sua história de trabalho, visualizando essa síndrome como uma subjetivação da relação entre o trabalhador e o trabalho.

Em Vigiar e Punir (1988), Foucault introduz a palavra genealogia ao suscitar o problema do poder e do corpo e também o exercício do poder sobre o corpo. De acordo com o autor, genealogia é:

o conjunto de pesquisas que busca redescobrir as lutas, e as memórias brutais dos combates, no acoplamento entre o saber erudito e o saber desqualificado. É a busca do saber histórico da luta. Essa pesquisa só pode ser realizada ao eliminarmos a tirania dos discursos englobantes, e a constituição de um saber histórico das lutas, acoplando conhecimento com memórias locais. Trata-se de ativar os saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica que pretendia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. (pp. 164)

Os relatos desta pesquisa foram analisados de acordo com as ferramentas teóricas da genealogia foucaultiana, com o intuito de fazer uma análise crítica das relações de poder e das formas de resistência aos diferentes tipos de poder que se apresentam na atualidade. Buscou-se realizar o estudo das estratégias do indivíduo, na sua constituição como sujeito, que defende a sua própria singularidade em meio ao atravessamento das redes de poder.

Deleuze (1990) diz que, ao fazermos um mapa, percorremos terras desconhecidas e temos que entrar nelas e deixar-nos atravessar, deixar-nos ser arrastados pelas correntes para encontrarmos novas orientações. Esta pesquisa pretende, por meio dos relatos, encontrar novas orientações, novos caminhos possíveis para a compreensão do processo de subjetivação das LER/DORT no trabalhador contemporâneo.

Fundamentalmente, a pesquisa apresenta como proposta associar conhecimentos da área biomédica com conhecimentos da psicologia social, configurando uma abordagem interdisciplinar. As LER/

Das 29 profissões encontradas, 16 estavam trabalhando em linha de produção. As de maior ramo calçadista (26%), o ramo da limpeza (12%) e as costureiras (6%). Quanto à carga horária, 72% a 9h/dia. Dos 50 entrevistados, 30% realizavam 16% tinham o direito a pausas durante a jornada.

Verificou-se que 60% dos pesquisados é profissionais no período de 5 a 15 anos de idade (trabalho infantil). No que se refere à situação profissional, 44% estavam afastados do trabalho para tratamento. Em relação à permanência no último emprego até o momento da demissão ou ainda, no caso dos que estavam na dia da entrevista, 64% trabalharam de 2 meses a 10 anos. E também que 44% dos trabalhadores adoeceram 2 a 10 anos de trabalho.

Exame Físico

Uma característica marcante desses trabalhadores é de tensão muscular excessiva, também conhecida como muscular involuntária. O estado de contração muscular é devido, segundo alguns autores, a fatores psicosociais que apresentam-se principalmente na região dos ombros, levando o indivíduo a um quadro algílico e com desenvolvimento de lesões (Couto, 1998; Moon, 1998). O tensionamento era possível de ser observado principalmente em questões que envolvessem seus ambientes e suas funções profissionais, ou em situações de suas dores, de suas limitações ou do não reconhecimento das mesmas dores. Tais características de tensão muscular excessivo apresentaram-se em 90% dos pesquisados. No exame físico, uma das alterações observadas entre os trabalhadores foi a presença de contraturas musculares na coluna cervical. O trabalhador que apresentou esse sintoma mas não tinha tensionamento excessivo foi diagnosticado com Hérnia de Disco na coluna cervical, justificando a sua ausência.

Esses dados levam a pensar que o tensionamento muscular tende a gerar contraturas musculares, geralmente na coluna cervical, já que se trata de uma postura sobrecarregada, em termos biomecânicos, realizadas no trabalho com os membros superiores.

É interessante notar que apenas 5 trabalhadores realizaram exame médico de cervicalgia, apesar de 92%

a Síndrome do Impacto em 28 e a Epicondilite em 18. As lesões encontradas nesta pesquisa são localizadas fundamentalmente em membros superiores, o que confirma o relatado em bibliografia. Como exceção, um trabalhador apresentou Lombociatalgia e outro, Hérnia de Disco Lombar.

Utilizando uma graduação de dor de zero a 10, em que zero representaria ausência de dor e 10, uma dor insuportável, verificamos que 30% dos trabalhadores apresentavam uma dor diária graduada em nível 7 e 28% dos trabalhadores, em nível 8. A interpretação da sensação dolorosa envolve não apenas aspectos físico-químicos de captação das excitações dolorosas mediante um receptor nervoso sensitivo, mas também os componentes socioculturais dos indivíduos e as particularidades do ambiente em que o fenômeno nociceptivo é experimentado.

De acordo com referencial teórico de Assunção (1995), foi possível classificar as LER/DORT dos entrevistados em estágios, configurando 70% dos entrevistados no estágio máximo, conhecido como fase 4 das LER/DORT. O referido estágio se caracteriza pela impossibilidade de realizar tarefas domésticas e de trabalho, pela dificuldade de dormir devido à dor, por exacerbação da dor e edema, pela limitação dos movimentos, por força muscular diminuída, atrofia e/ou deformidades.

Relatos

Os trabalhadores apontaram os fatores organizacionais como um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento das LER/DORT, pois, como eles não têm liberdade para gerenciar suas atividades, foram levados: a submeter-se a horas extras, provocando jornadas de trabalho extensas; a realizar atividades repetitivas com ritmos produtivos elevados; a trabalhar em postos de trabalho sem dispositivos facilitadores na linha produtiva; a permanecer em ambientes de trabalho inadequados, com baixa iluminação ou excesso de calor ou frio; a realizar esforços excessivos, bem como a manter as mesmas posições corporais por períodos demasiado longos; a sofrer o acúmulo de funções com a exploração de suas habilidades, configurando excesso de trabalho; e a dedicar-se ao trabalho de forma abusiva na busca pelo reconhecimento. Conforme uma operadora de *telemarketing*:

O ambiente era de uma cobrança muito grande, tudo com meta pra atingir. Tanto que da minha época, e faz 2 anos que eu tô afastada, se eu voltar lá não tem mais nenhum funcionário que trabalhava comigo.

diante de trabalhadores que utilizam para vencer as dificuldades impostas pelos processos produtivos. Segundo esponjas: *Eu produzia mais que os outros, não gambava cesta básica, não ganhava, eles querem pessoas que produzem.*

É possível observar que o trabalhadores está caracterizado por reestruturação produtiva com desemprego. Como afirma Foucault (1999), na transformação corporal, a corporeidade não é excluída e sim integrada. Verificam-se corpos dóceis, moldados, transformados ao mesmo tempo, corpos flexíveis, resistentes a qualquer situação imposta, mesmo a adoecimento. Observa-se no relato da industrialização de alimentos a transformação dos processos de organização do trabalho.

Isso foi uma mudança muito rápida, mudaram também o nosso biscoito. Meu Deus do céu, complicadíssimo, se desmanchavam em cima da mesa, queriam que eu desse uma chance de trabalhar e queriam que o pique fosse feito, quando eu fui me entregando, não fui

O conceito de trabalho desses moral configurado por uma ética, como um “regime de verdade”, a de constituir os processos identitários existência, como a função dominação do capitalismo (Nardi, o “regime de verdade” do trabalho demonstram que é por meio do trabalho necessidades construídas pelo próprio trabalho, assim, alcançar objetivos como utensílios domésticos e de outros, como podem ser integrados à sociedade suas atividades profissionais. Pode-se de acordo com a mesma trabalha-

Trabalho, prá mim, é uma coisa que a pessoa se sentir bem, valorizada. Ele eleva. Agora que eu não tô trabalhando

normatizadas, que se estenderam de pais/mães para filhos (as). Uma trabalhadora de limpeza disse: *Eu me irrito porque eu sempre trabalhei e eu não consigo mais. Eu me criei sempre trabalhando, daí é difícil não ser mais assim.*

Socialmente, a doença é aceita como uma explicação do porquê de não trabalhar mais, preservando a identidade de trabalhador e mantendo os atributos morais que lhe são associados de ser ativo, forte, honesto, bravo (Jacques, 2002). Para os entrevistados, o adoecimento ameaça a identidade de trabalhador, já que se apresenta como uma maneira de retirar o pouco reconhecimento que a sociedade oferece. Eles relataram serem trabalhadores dedicados e não entenderem a razão de não conseguirem mais trabalhar. A doença, para eles, não os libera das práticas profissionais. Eles permanecem impulsionados a manter-se trabalhando, presos à dominação capitalista produtiva, visto que essa é a única maneira de darem sentido às suas existências, permanecerem integrados à sociedade e serem cidadãos. Conforme uma secretária: *Quando a empresa determinou que eu devia me afastar; pra mim foi horrível, me arrasou de todas as ordens, tanto emocional, quanto financeira, porque eu gostava daquilo, era como se tivessem me tirado o pão da boca, o ar que eu vivo.*

No processo de formação da identidade de trabalhador, carregava-se na memória a promessa de ser confiável, honesto, dedicado, enfim, ser “trabalhador”. A carga da responsabilidade que se assume é uma característica dessa identidade. Se, por algum motivo, não conseguir cumprir sua promessa, como no caso do adoecimento, o trabalhador sente-se culpado e em dúvida (Nietzsche, 1998). Essas características dos entrevistados, de serem dedicados e responsáveis, podem ser pensadas com base no que diz Nietzsche a respeito da origem da responsabilidade. Para esse autor, no momento em que o homem é capaz de fazer promessas e tornar-se necessário, confiável, dentro do que se chama de uma “moralidade do costume”, ele torna-se um devedor. Para infundir confiança e garantir seriedade, empenha aquilo sobre o qual ainda tem poder, como seu corpo, sua liberdade ou até mesmo sua vida. Segundo uma tecelã:

Se desse uma peça errada, tinha bronca. Só que eu nunca errei, fazia tudo certo. As que erravam escondiam as peças erradas. Daí as que não erravam entregavam pro patrônio e as que escondiam eram demitidas. Eu entregava. Foi aí que a malharia foi crescendo. Nós fomos arrumando a malharia. Eles diziam que não iam valorizar se fizesse mais peça, porque eles queriam o teto, mas eu ficava chateada porque eu queria, no mínimo, um elogio deles.

De acordo com Sant’Anna (2001), vivemos um período no qual

de trabalho, na maioria das vezes sem receberem como indivíduos e como profissionais.

O reconhecimento profissional nas falas se traduz em reivindicações por respeito ao ambiente de trabalho bom, direito a pausas, funções e uma diminuição dos ritmos de trabalho, que esses trabalhadores reivindicavam em pressão exercida sobre eles diariamente para atingir níveis de produtividade cada vez maiores de qualidade. Em suas falas reside uma contradição: a pressão para atingir níveis cada vez mais altos de produtividade, mas aumentam espontaneamente produtivas para chamar a atenção da classe reconhecimento. De acordo com uma costureira:

Reconhecimento é pagar um pouco melhor, fazer com que se tornar um pouco melhor. Porque lá era muito tudo errado, era muito estúpido com as pessoas. A gente ficava com medo, porque ele já vinha xingando, e daí de tão nervoso que ficava, queria trabalhar direito. Sei lá, podia dar uns minutos pra pensar, pra respirar. Porque daí as pessoas vão com tudo trabalhar.

Nos relatos das entrevistas desta pesquisa puderam ser identificadas exigências diferenciadas impostas nas relações entre os trabalhadores e os empregadores, o porquê de as mulheres serem mais dependentes referentes às LER/DORT. Muitas delas eram responsáveis pelo sustento da casa e pela criação dos filhos, tinham que permanecer trabalhando, fazendo horas extras, dar conta de uma produção como para melhorar a vida, oferecer melhores condições de vida para seus filhos, muitas vezes, preocupadas por deixarem seus filhos sozinhos, ainda responsáveis pela manutenção da casa, ou realizando dupla jornada. Algumas eram autônomas, realizando atividades profissionais em casa, intercaladas com as responsabilidades filhos. Quando trabalhavam em empresas privadas, demonstravam dedicação maior que os colegas homens, para comprovar suas competências. Como disse uma costureira:

Eu dava aquele pique na casa de manhã e ia para a costura e ia até 2 horas da manhã, tranquila, só com a pedidinha. Eu fazia intervalos durante a costura pra ir pra escola da filha, pra fazer janta, pra atender a criança, parava e voltava pro atelier de novo.

Como um efeito cumulativo de tensionamentos, chegaram ao estágio em que não se tratava apenas de *estarem tensas*, mas sim de *serem tensas*. Relataram que, ao menor estímulo, tanto físico por algum esforço como psíquico por alguma preocupação, os tensionamentos pioravam, gerando cada vez mais dores. De acordo com uma forjadora:

Eu trabalhava com os músculos sempre tensa, porque, em primeiro lugar, não pode parar uns minutos pra relaxar e, em segundo lugar, não tem liberdade. Porque se a mente não tiver dizendo que tem o direito de relaxar, ninguém vai relaxar. Eu não sentia que podia relaxar. Eu tinha que trabalhar e seguir em frente. Eu terminava o dia tensa. Daí ia pra casa, fazia as coisas da casa e ia pro meu banho. Porque daí a mente vai descansar. Não adianta o corpo ir descansar se a mente não tá tranquila. Eu acho que as duas coisas têm que estar de comum acordo, mente e corpo, pra ficar descansada. Nos últimos tempos eu não conseguia mais descansar, nem corpo nem mente.

Os trabalhadores, presos às suas vivências profissionais, após serem afastados de suas atividades, passam o tempo em casa revivendo tais vivências, tendo suas dores intensificadas. Um dos fatores desencadeadores deste processo de lembrança das vivências profissionais ocorre ao perceberem as limitações de suas normas de vida decorrentes do adoecimento. A incapacidade de realizarem atividades que sempre haviam desempenhado reforça na consciência essas memórias. A dor diária impede-os de esquecer as vivências, fazendo deles corpos presos às suas consciências, impossibilitados de viverem o novo sem o contaminar com o velho. Deleuze e Guattari (1996) e Gil (1997) apontam que corpos presos às suas consciências deixam de ser lugares de passagem do inconsciente, de passagem para novos afetos, de novas intensidades, e passam a ser corpos presos a um organismo, sedimentado, com formas e funções determinadas. Conforme o relato de uma calçadista: *Quando eu tento fazer uma coisa e não consigo, aquilo me deixa desatinada. Daí eu tenho que tomar um calmante. A dor fica até quatro vezes maior, parece que, quando eu fico assim, mexe alguma coisa no corpo que piora.*

Os trabalhadores adoecidos cronicamente apresentam grande dificuldade de recuperação de suas lesões. Entre os motivos verificados para tal dificuldade, encontramos a própria cronicidade, a falta de assistência e, além disso, a dificuldade de esquecimento das situações traumáticas vividas. Não lhes basta parar de trabalhar, ser medicados ou ver suas dores tratadas, eles precisam esquecer suas vivências afetivas. A cada tentativa frustrada de

somados a esforços intensos e movimentos de trabalho ergonomicamente inadequados, instrumentais de trabalho inadequados de maneira não apenas extensiva e intensiva, como também de maneira intensiva e extensiva, para alcançar as metas propostas. Esses fatores, somados ao ritmo produtivo, acabaram utilizados como componente sobre o qual tinham alianças.

Foram exigidas competências de trabalho, envolvendo o envolvimento de suas subjetividades, a capacidade de competir, de adaptar-se ao trabalho e de inserir-se em situações que estabeleciam.

As exigências atuais podem ser entendidas a partir dos conceitos de Negri (2001) acerca da imaterialidade. A imaterialidade não é apenas intelectual, material, mas que a ferramenta de trabalho hoje é a imaterialidade, tudo o que pertence ao “sentir”. Para ele, o trabalho é sempre baseado nas relações de afeto que existem entre o homem em produção a própria vida. É através da linguagem e da comunicação que se configuram.

Quando os trabalhadores empregam a linguagem na produção, envolvendo tudo o que pertence ao trabalho, utilizam de maneira autônoma na realidade, suas habilidades são absorvidas e transformadas em uma característica exigida por aquele projeto prescritivo e pressuposto. Dessa forma, a subjetividade dos trabalhadores configura-se.

Se a subjetividade dos trabalhadores é configurada a partir do trabalho, o trabalho também atua de forma inversa. Para Rolnik (1995), na subjetividade, o trabalho é o que se vai fazendo de fluxos e partículas que se articulam e se atualizam e que se conecta com outros fluxos. Eles coexistem, somando-se e produzindo novas possibilidades. As composições provocam um rompimento da figura subjetiva atual. A cada vez que a figura se torna vivida por nosso corpo em sua forma, o trabalho nos exige a criação de um novo corpo, que é a diferença que encarnou em nós e que permanece.

Pelbart (1989) considera subjetividade como a capacidade de influir das forças do fato, marcar a

Portanto, a subjetivação é o dobrar das forças do fora, é um regime de regulação dos fluxos que permitem ou não determinados acoplamentos com o trabalho, que não constitui o sujeito, mas cria modos de existência. A produção de subjetividade “capitalística” que produz indivíduos normalizados configura a identidade de trabalhador, determinando os modos de ser e de trabalhar (Deleuze, 1992; Guattari, 1986).

Neste estudo, observa-se de maneira acentuada o traço identificatório de trabalhador nos entrevistados. Tal identificação, constituída pela “produção de subjetividade capitalística”, determina os modos de existência e favorece o regime produtivo intensivo. O modo de existência apresenta-se de tal maneira que, apesar de os entrevistados estarem adoecidos, eles permanecem impulsionados a continuar trabalhando. Tendo o trabalho como o único meio de estarem integrados à sociedade, eles permanecem presos a essa identificação, o que acaba gerando sofrimento, já que não conseguem realizar suas atividades.

Se a identidade de trabalhador é constituída no reconhecimento do outro (Guattari, 1986), com a doença os trabalhadores vêm ameaçadas suas identidades ao serem discriminados por seus pares por estarem doentes. Mesmo com a identidade de trabalhador ameaçada pela doença, os entrevistados demonstraram estar “anestesiados” e deixam vibrar em suas peles apenas o que não desestabilize seus vínculos de identidade (Rolinik, 1995).

Como característica desta subjetividade “capitalística” produzida, encontramos a tensão muscular excessiva determinando não apenas os modos de trabalhar, como também os modos de ser. A tensão excessiva de indivíduos com fatores psicosociais ativos é uma contração muscular estática que gera um aumento da pressão intramuscular, levando à compressão dos vasos sanguíneos intramusculares. Dessa forma, a nutrição da musculatura pode ficar perturbada, especialmente quando a contração for elevada, ocasionando um déficit de oxigênio (uma isquemia) que obriga o músculo a trabalhar em condições anaeróbicas com um consequente acúmulo de ácido lático, irritante poderoso das terminações nervosas de dor (nociceptores), o que leva à fadiga muscular (Assunção & Almeida, 2003; Ranney, 2000). Couto (1998) aduz que esse estado de tensão muscular excessivo predispõe o trabalhador ao desenvolvimento de lesões.

Verifica-se, com base na alta freqüência da tensão muscular excessiva nos trabalhadores entrevistados, que as LER/DORT podem ter sua origem nesses tensionamentos podendo ser o elemento

entendendo seus acometimentos como processo de transformação das relações entre o trabalhador e o trabalho que se dá de maneira que permite ir além das evidências da realidade no sentido comum. Mas o fato é que muito ainda precisa ser pesquisado acerca desses trabalhadores adoecidos. O que podemos afirmar é que estamos diante de acometimentos de natureza epidêmica e que exigem a atenção de profissionais de saúde e de trabalho. Esta pesquisa, na tentativa de aproximar a teoria ao cotidiano, reforça a importância de pesquisas com enfoque qualitativo para possibilitem encontrar meios para auxiliar esse processo.

Referências

- Assunção, A. A. & Almeida, I. M. (2003). Doenças osteomusculares do trabalho: Membro superior e pescoço. Em R. Mendes (Org.) (pp. 1501-1539). Rio de Janeiro: Atheneu.
- Assunção, A. A. (1995). Sistema músculo esquelético: Lesões ocupacionais (LER). Em R. Mendes (Org.), *Patologia do trabalho* (pp. 15-30). Rio de Janeiro: Atheneu.
- Couto, H. A. (1998). Fatores causadores das lesões de membros superiores. In H. A. Couto, S. J. Nicoletti & O. Lech (Orgs.), *Como gerenciar a questão das lesões ocupacionais* (pp. 67-112). Belo Horizonte: Ergo.
- Deleuze, G. (1990). *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa.
- Deleuze, G. (1992). *Conversões*. São Paulo: Ed. 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Akè Platô* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Cosac Naify.
- Foucault, M. (1988). *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Record.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martin Claret.
- Gil, J. (1997). *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias da alienação*. Rio de Janeiro: Cosac Naify.
- Jacques, M. G. (2002). Doença dos nervos: Uma expressão da doença mental. Em M. G. Jacques & W. Codo (Orgs.), *Leituras* (pp. 98-111). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kuorinka, I. & Forcier, L. (1995). *Work-related musculoskeletal disorders: reference book for prevention*. Great Britain: Taylor & Francis.
- Mello, P., Pozza, M., Sebben, J. C. & Vieira, M. H. B. (2001). *Princípios de doenças do trabalho do Hospital de Clínicas de Porto Alegre*. Porto Alegre: Curso não-publicado, Curso de Especialização em Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.
- Moon, S. D. & Sauter, S. L. (1996). *Beyond biomechanics: Psychosocial disorders in office work*. London: Taylor & Francis.
- Nardi, H. C. (2002). *Trabalho e ética: Os processos de subjetivação dos metalúrgicos e do setor informal*. Tese de Doutorado não-publicada, Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Negri, T. (2001). *Exílio: Seguido de valor e afeto*. São Paulo: Iluminuras.
- Nietzsche, F. (1998). *Genealogia da moral: Uma polémica*. São Paulo: Cosac Naify.
- Pelbart, P. P. (1989). *Da clausura do fora ao fora da clausura: Letras e ciências*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Brasil.
- Ranney, D. (2000). *Back pain in industry: A critical review*. New York: Marcel Dekker.